

A PROVAÇÃO DE NOSSA FÉ

Dom Adriano, bispo diocesano

Somos cristãos, somos católicos. Professamos a Fé em Jesus Cristo, nosso Salvador e Libertador. Como S. Paulo dizemos: "Nele, por seu sangue, temos a redenção e a remissão dos pecados, em vista das riquezas de sua graça que derramou abundantemente sobre nós, com toda sabedoria e inteligência (Ef 1,7-8). Como S. Pedro falando às autoridades de Jerusalém: "Em nenhum outro se encontra a salvação; pois debaixo do céu não foi dado aos homens outro nome pelo qual possamos salvar-nos" (Atos 4,12).

Mas será que esta Fé se afirma em todas as situações?

O nosso Povo sofre hoje as conseqüências de erros graves: políticos, econômicos, culturais, sociais que não cometeu... Nosso Povo é vítima dos desmandos, das incompetências, das cegueiras de certas elites que, sem qualquer ligação com o Povo e com o bem comum, só procuram os seus interesses e vantagens. Raramente o Povo tem passado por tantas provações, como nos últimos decênios, e agora sobretudo. E o pior: no horizonte não parece desenharem-se nenhum sinal de Esperança.

Neste impasse social e de certo modo existencial para a grande maioria se dá o desafio: nossa Fé é provada de maneira total. Atinge nossa inteligência. Atinge nossa vontade. Atinge de modo especial nossa emoção, nossos sentimentos.

Em tais momentos críticos que envolvem a pessoa e envolvem, em nosso caso, todo o Povo brasileiro, de modo particular o Povão que sempre tem vivido à margem do interesse das lideranças, em tais momentos dolorosos para onde que nos voltamos? em tais momentos chocantes que representa Jesus Cristo para cada um de nós? envolvidos pela crise, onde pomos nossa Esperança? A concluir das numerosas "Casas da Bênção", que aparecem em todo lugar, e dos programas

milagreiros do Rádio e da Televisão, parece que muitos cristãos esquecem o fundamento de sua Fé que é Jesus Cristo e procuram em pessoas mais ou menos carismáticas ou, infelizmente, também hábeis na manipulação dos sentimentos populares, a solução imediata, mágica, milagrosa de seus problemas atuais. A corrida de uma classe mais elevada para astrólogos, cartomantes, pais-de-santo etc. está na mesma linha de procura quase desesperada para uma situação de generalizado desespero.

E Jesus Cristo, autor e aperfeiçoador de nossa Fé (cf. Hb 12,2)?

E Jesus Cristo que é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6)?

E Jesus Cristo que disse: Sem mim vocês não podem fazer nada (Jo 15,5)?

Justamente nos momentos de provação existencial é que nossa Fé também é provada. Justamente então precisamos reavivar nossa Fé em Jesus Cristo, único Salvador da humanidade. Mesmo se recorrermos aos nossos santos, sabemos que eles são intercessores secundários: levam-nos a Jesus, pedem a Jesus por nós. Mas quem salva, quem nos dá força para a resistência é o Espírito Santo por intercessão de Jesus.

Certos programas religiosos da TV e do Rádio têm ainda um aspecto desagradável: são espetáculos, são "shows" religiosos em que Jesus Cristo entra para valorizar e sublimar o apresentador. Este com suas artes e estilo pessoal é o centro real da "pregação". Por sua capacidade de manipulação é o apresentador quem produz o "show" de milagres.

Lamentamos este aspecto da crise. Lamentamos que o nome de Jesus seja manipulado, para manipular o Povo sofrido.

Apesar de todas as provações — e não são poucas — temos de achar na fé verdadeira em Jesus Cristo a força de resistência e a esperança da vitória.

PECADO SOCIAL E PECADO PESSOAL

Dom Adriano, bispo diocesano

Todo pecado, também o mais íntimo, é na visão da Fé uma ferida que se abre no corpo de Cristo que é a Igreja. Todo pecado fere a comunhão dos santos: eis um aspecto que antigamente não se mencionava, dando a impressão de que o pecado é uma ofensa pessoal cometida contra Deus.

A Teologia fez reviver esta consciência eclesial do pecado e também naturalmente da penitência. Assim diz o Vaticano II: "Aqueles que se aproximam do sacramento da penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram, pecando, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações" (Luz das Nações, 11,2). Noutro lugar o Vaticano II

fala das "conseqüências sociais do pecado" que é em primeira mão ofensa cometida contra Deus (cf. O Sacrossanto Concílio 109).

Além desta dimensão eclesial, por isto mesmo comunitária do pecado, podemos dizer que o pecado social, multiplicado na ação má de muitas pessoas, sistematizado, organizado, planejado, é uma descoberta da Teologia mais recente. E uma descoberta que, embora tenha suas raízes na Bíblia Sagrada e na melhor tradição dos Padres da Igreja, causa estranheza e mesmo rejeição em não poucas pessoas.

Seria bom refletirmos um pouco sobre isto que, com razão, chamamos de pecado social.

O pecado social supõe sempre um pecado pessoal, não existe sem pecado pessoal. Mas ultrapassa em maldade o pecado cometido por uma pessoa só.

Imaginemos um ladrão que tem a tentação de roubar e sucumbe à tentação interiormente, não chegando a roubar. A moral cristã vê aí um pecado pessoal, mas um pecado que, por isto ou por aquilo, não chega a ser cometido. Imaginemos porém que o ladrão, de fato, rouba a carteira de uma senhora que foi ao supermercado fazer compras. Agora o pecado adquire uma dimensão nova: fere a Igreja nesta pessoa que foi roubada. Imaginemos agora um patrão que explora seus empregados: paga mal, paga irregular, sonega impostos, não recolhe as obrigações sociais, não assina carteira de trabalho, ameaça e destrata, suborna direta ou indiretamente o poder público. Ninguém duvida que neste caso o pecado pessoal do patrão assume dimensões sociais muito mais graves do que o pecado do ladrão que furtou uma carteira.

A maldade pode agravar-se mais se os padrões exploradores, como sucede às vezes com fazendeiros de uma mesma região, se aliam na maldade para explorar seus empregados.

NA FESTA DE S. ANTÔNIO

Dom Adriano, bispo diocesano

Na festa de S. Antônio o que é que, como irmão bispo, desejo a minhas irmãs e a meus irmãos da Diocese de Nova Iguaçu?

S. Antônio, o grande franciscano português que viveu de 1195 a 1231, é padroeiro tanto de Nova Iguaçu como de Duque de Caxias e das duas dioceses do mesmo nome. É assim padroeiro de toda a Baixada Fluminense.

Não é por acaso que as comunidades cristãs, pequenas ou grandes, têm um patrono, geralmente um santo ou santa, muitas vezes Nossa Senhora nos seus mais diversos títulos ou também algum mistério de nossa Fé.

Na intenção da Igreja, que continua cultivando a tradição de dar às comunidades, às Igrejas, às associações um titular, o padroeiro quer ser modelo ou exemplo, protetor e intercessor. O culto religioso que os santos padroeiros recebem, tem sentido, porque, de um modo ou de outro, os patronos sempre estão profundamente ligados a Jesus Cristo, único salvador da humanidade, e por isto não podem querer outra coisa senão levar-nos para Jesus.

A estas considerações eu pergunto: que é que significa S. Antônio, para nós católicos da Baixada Fluminense? qual é o sentido concreto de seu culto? o que é que esperamos dele?

Todos conhecemos, melhor ou pior, a situação concreta da Baixada Fluminense, esta região do Grande Rio que abrange Duque de Caxias, São João de Meriti (os dois municípios que formam a Diocese de Caxias), Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi (os três municípios da Diocese de Nova Iguaçu) e ainda Itaguaí (que com Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati formam a Diocese de Itaguaí).

É conhecida a violência que reina em nossas comunidades da Baixada, trazendo a todo o Povo a fama de ser violento. Quando fui nomeado bispo de Nova Iguaçu, o Núncio Apostólico de então me disse: O Senhor vai para a diocese mais difícil do Brasil. De outro lado meus amigos e conhecidos quase só me lamentaram. E essa fama ruim, melhor dito: essa difamação do Povo da Baixada continua viva e lamentável. Porque

Legisladores sem consciência podem também legalizar a maldade, institucionalizar o pecado, de tal maneira que o mal se torne parte integrante das estruturas sociais, como sucede, por exemplo, em alguns países comunistas no que diz respeito à prática da Religião.

Olhando o nosso país, as condições de vida da maioria do nosso Povo que vive nos sertões, nas periferias das cidades, nas favelas, verificamos que são vítimas de uma violação crônica de quase todos os direitos humanos, são vítimas de uma situação de pecado social e estrutural que contradiz frontalmente o Evangelho de Jesus Cristo, já que contradiz a dignidade da pessoa humana.

A nossa Fé cristã deveria ser um princípio de libertação tanto do pecado pessoal como do pecado social, em todas as suas conseqüências. Os que temos Fé deveríamos tirar da Fé a motivação que nos levasse a corrigir o pecado social com suas graves conseqüências. Será que atribuímos à Fé esta dimensão comunitária, social, eclesial que é expressão da comunhão dos santos e da comunidade familiar dos filhos de Deus?

o Povo da Baixada é um Povo ordeiro e pacífico, apesar da violência que aqui reina. Povo ordeiro, pacífico e sofrido. Como se trata de um Povo simples, humilde, até hoje não empolgou as autoridades públicas. Apesar de mais de uma vez a Baixada ser considerada área prioritária de alguns Governos estaduais.

As minhas primeiras impressões de novembro de 1966 — há vinte e um anos — quando tomei posse como bispo de Nova Iguaçu, foram confirmadas neste meu já longo serviço eclesial. O nosso Povo é bom, ordeiro, pacífico e religioso. Mas é um Povo abandonado. Naquela altura, se não me engano em dezembro de 1966, o então Governador nomeado me visitou e declarou que no seu Governo a Baixada seria prioritária. Infelizmente não foi isto o que aconteceu. E em sentido geral posso dizer, com minha experiência, que até hoje as autoridades públicas, em nível federal, estadual ou municipal, não têm tomado a sério a situação da Baixada. Há tentativas isoladas. Há iniciativas restritas. Mas o problema da Baixada, como tal, ainda não foi assumido e enfrentado para valer.

Talvez porque nós, filhos pelo nascimento ou por eleição (como é o meu caso), ainda não nos conscientizamos devidamente de nossa força e de nossa responsabilidade. Não sei quem foi que disse: As nações não têm amizades, têm interesses. Talvez, modificando este pensamento, possamos dizer: Nós não precisamos de caridade, precisamos é de energia.

É o que no dia de S. Antônio, nosso padroeiro, eu pediria para o Povo da Baixada: energia, não só para resistir admiravelmente a todas as dificuldades que pesam sobre nós, mas para conseguir de nossos homens públicos que, afinal, assumam a sua responsabilidade para com um Povo que, na sua humildade e perseverança, carrega em grande parte o Rio de Janeiro e constrói o Brasil de hoje.

Precisamos ter consciência de nossa força, de nosso potencial humano, de nossa saúde espiritual, de nossa capacidade de resistência, para cobrar das autoridades públicas as medidas que a Baixada merece.

A DEMOCRACIA QUE AINDA NÃO TIVEMOS

Dom Adriano, bispo diocesano

A melhor definição de Democracia continua sendo: Governo do Povo, pelo Povo e para o Povo. Democracia distingue-se portanto de Oligarquia e de Aristocracia.

Oligarquia é o Governo de uns poucos que tomam conta do poder. Aristocracia é o Governo dos melhores ou dos que se julgam melhores.

Se considerarmos a Democracia que o Brasil tem tido no correr de sua História acidentada, temos tido antes uma Oligarquia ou uma Aristocracia, fantasiadas de Democracia.

Temos eleições, mais ou menos livres, mais ou menos limpas. Os eleitores são obrigados a votar, de tal modo que, esquivando-se ao voto, têm de justificar-se e, se não puderem justificar-se, sofrem as penas da Lei.

Mas fora a participação obrigatória que os cidadãos têm por meio do voto, quais são os outros direitos da cidadania que decorram do regime democrático de Governo?

Apurados os votos, termina a participação do Povo. O Povo é relegado ao seu lugar obscuro ou mesmo marginal no processo social. E os eleitos, em nível de Município, de Estado e de Federação seguem o seu caminho, sem qualquer atenção para os cidadãos que os elegeram.

Intitulam-se representantes do Povo, mas do Povo não têm nada: nem no nível de vida, nem na cultura, nem na Política, nem na vida econômica. Os representantes do Povo acumulam aos privilégios encontrados, novos privilégios e mordomias que os fazem cada vez mais distantes das multidões sofridas do Povo brasileiro. Com as devidas exceções.

Numa Democracia deveriam estar salvaguardados os direitos fundamentais do homem, aquilo que chamamos cidadania.

Mas se percorrermos o interior do Brasil, se visitarmos as periferias das grandes cidades, se tivermos contato com as favelas, que é que encontramos de direitos humanos e de expressão da cidadania?

Direito à educação? O exército de analfabetos ou semi-alfabetizados mostra que esse direito não funciona para alguns milhões de brasileiros. Milhares de crianças são conservadas, pelas circunstâncias difíceis das famílias, em estado de ignorância ou semi-ignorância.

Direito à formação profissional? A maioria das crianças e dos jovens chega ao mundo do trabalho sem qualquer preparação anterior. Operários sem qualificação profissional, são joguetes da especulação econômica, vítimas constantes da exploração. Direito ao trabalho? Cada qual pega o que aparece, trazendo muitas vezes talento, mas sem possibilidade de aprendizagem.

Direito ao salário digno? Nossa sociedade vive num tremendo distanciamento em relação ao Povo, como tal. Parece que a sociedade considera o Povo como herdeiros da escravidão do século passado. E a própria legislação que pretende ser avançada, conserva a ficção de um salário mínimo que, no consenso geral, está distante dos critérios básicos de um trabalho devidamente remunerado, que garanta vida digna à família do trabalhador.

Até hoje os camponeses vivem uma vida marginal, que em nada participa da Democracia. O Funeral é uma tentativa ridícula de corresponder à dignidade do homem do campo, tentativa feita por cidadãos de primeira classe que se julgam no dever de amaciar sua consciência com esmolas indignas da pessoa humana.

Onde está a saúde, o transporte, a profissão, o trabalho, o salário, a aposentadoria etc. que correspondam à dignidade da pessoa humana, que na concepção cristã do homem, foi criada à imagem e semelhança de Deus?

Democracia que abre a porta dos direitos e dos privilégios somente para alguns, não é Democracia, é Oligarquia, é Aristocracia. Temos outra coisa neste Brasil riquíssimo, terra de Canaã mandando leite e mel, onde milhares morrem de fome?

ENCERRAMENTO DO ANO MARIANO

Dom Adriano, bispo diocesano

Por razões particulares nossa diocese encerra o Ano Mariano um pouco antes do encerramento oficial, em 21 de agosto próximo. Solenidade da Assunção Gloriosa da Senhora. Estamos unidos com o Papa João Paulo II e com toda a Igreja Universal na celebração daquela que, por graça de Jesus Cristo, foi concebida sem pecado original, para ser a Mãe do Filho de Deus e, por ser Mãe de Jesus, para ser também a Mãe da Igreja. Santo Afonso de Ligório, grande devoto de Nossa Senhora, teria afirmado: "De Maria nunca se diz bastante". Quer dizer: por ser a cheia de graça, todos os louvores, todas as maneiras de devoção, toda veneração da Igreja nunca se esgotarão. De geração em geração todos a louvarão como bem aventurada Mãe de Deus e Mãe dos homens.

Pessoalmente, na minha vida e no meu ministério, tenho descoberto sempre novos dados e novos aspectos da pessoa da Virgem Imaculada e do seu singular carisma de ser a Mãe do Filho de Deus e, por isto, a Mãe da Igreja. Em vez de diminuir com a idade e com as experiências existenciais, posso verificar com alegria que minha devoção a Nossa Senhora se purificou e se apro-

fundou, continua hoje muito mais intensa e viva do que nos seus primeiro decênios de vida e de ministério. O pouco que o Novo Testamento nos conta de Nossa Senhora e o muito que a tradição viva do Povo de Deus nos oferece, sobretudo enquanto assumida pelo Magistério, contribuíram com a graça do Espírito Santo para que minha devoção a Maria SSma., aprendida nos joelhos de minha Mãe, crescesse sem interrupção e me levasse com segurança a Jesus Cristo, único Salvador da humanidade.

Quero salientar este ponto.

Dentro e sobretudo fora da Igreja Católica há quem diga que o devoção a Nossa Senhora faz esmaecer ou mesmo prejudicar o papel de Jesus Cristo na História da Salvação. Pode ser que aqui e acolá se cometam exageros no culto mariano. Há pessoas que, de boa fé, acentuam demais o papel de Maria SSma., a ponto de parecer que Jesus Cristo é colocado em modesto segundo lugar. Teologicamente isto nunca foi ensinado pela Igreja. A Igreja vive da Fé em Jesus Cristo, único Salvador da humanidade, único mediano entre Deus e os homens, único iniciador e consumidor de nossa Fé. O lugar de Jesus Cristo é absoluto

na História da Salvação. Jesus Cristo é e será sempre a Pessoa de referência absoluta para todos os fiéis.

Toda a Escritura gira em torno de Jesus. O Antigo Testamento prepara a vinda do Messias. O Novo Testamento nos oferece o Messias na plenitude de sua obra salvífica.

O mesmo Novo Testamento nos apresenta Maria SSma. no seu lugar específico, singular, irrepetível, de Mãe do Filho de Deus. Toda a vida de Maria, desde a concepção imaculada até a subida ao Céu pela força do Espírito, está profundamente, intimamente, irreversivelmente ligada a Jesus Cristo. A razão de ser da vida e da missão de Nossa Senhora é Jesus, e só Jesus. De maneira que o culto prestado à Virgem Imaculada é em última análise glorificação de Jesus e testemunho claro do plano de amor de Deus. De maneira

que o fruto do culto mariano é, bem compreendido, levar-nos mais perto de Jesus, nosso Libertador e Redentor.

O Ano Mariano, com a Encíclica "Redemptoris Mater" (A Mãe do Redentor) do Papa João Paulo II iluminando a Igreja, terá sido sem dúvida em todas as dioceses do mundo inteiro um instrumento de purificação e intensificação da verdadeira devoção a Nossa Senhora, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja. Com Maria, nossa Mãe, nos aproximamos confiantes do trono da graça, a fim de obtermos misericórdia e graça no momento oportuno (cf. Hb 4,16). No trono da graça está assentado Jesus Cristo, para julgar os vivos e os mortos, para selar com sua palavra definitiva o bem que fizemos aos irmãos mais pequeninos (cf. Mt 25,40.45).

SENTIMENTOS DE UM JUBILEU

Dom Adriano, bispo diocesano

Quem celebra um Jubileu, volta-se necessariamente para o passado; vê desfilar ante os olhos da memória, pessoas, vivências, experiências, fatos, empreendimentos, obras, desafios; reconstrói uma etapa da história pessoal; avalia, com objetividade, um período encerrado e sem retorno; compara, enfim, o que foi com o que poderia ter sido.

A celebração de um Jubileu é um exercício tipicamente humano, porque somente o ser humano vive no tempo e tem consciência do tempo, faz história e sabe que faz história. Somente o ser humano pode voltar conscientemente ao passado, para recordar, para comemorar, para celebrar.

Mas celebrar com que sentimentos?

Há vidas frustradas, marcadas de insucessos e fracassos reais que não podem ser modificados, mas podem ser revalidados pela Fé, esta Fé que vence o mundo e que, por isto, é capaz de valorizar, pela identificação com a cruz de Jesus Cristo, qualquer vida frustrada.

Mas há vidas cheias que experimentaram também fracassos, mas podem apresentar um saldo notável de realizações.

É possível olhá-las com olhos de vaidade e de orgulho, num assomo de auto-suficiência e de egoísmo que abstrai de todos os sócios e parceiros, de todos amigos e companheiros, para se afirmar dominador, absoluto, merecedor único de louvor.

Mas a quem foi dado penetrar mais profundamente no mistério do Amor de Deus e no mistério de si mesmo é possível contemplar o passado com outros sentimentos.

Há um sentimento de gratidão em primeiro lugar para com o Pai, doador de todos os bens. Tudo é graça. A começar daqueles dons que trouxemos do berço como promessa de esperança, dons

que no desenvolver de nossa caminhada foram-se desabrochando e crescendo, foram-se estabilizando e consolidando até fazerem parte de nosso ser, já não como expressão de nosso temperamento, mas como dado sólido de nosso caráter. Por isto somos gratos aos nossos Pais que, na sua troca de Amor, nos marcaram de Amor e nos qualificaram para a caminhada.

Somos gratos a todos aqueles que conosco andaram algum trecho do caminho. Ora longo trecho, como nossos irmãos e parentes. Ora breve trecho, como eventuais amigos de um ou poucos dias.

Somos gratos a todos os muitos irmãos e irmãs que perseveraram conosco na procura dolorosa, no planejar incerto, no executar difícil e na alegria da vitória.

Sem os muitos irmãos e irmãs, que colaboraram com generosidade, que deram apoio, que souberam criticar, que perseveraram apesar de todos os estorvos e percalços, que teria sido a caminhada? Somos gratos ao Povo que nos cerca de esperança e confiança. Da alma simples e sofrida deste Povo nascem mensagem de esperança que dão coragem e alegria. Do sofrimento deste Povo brota coragem e fidelidade que geram esperança e confiança. Este Povo ensina mais que todos os bons mestres. Tem doutrina que excede em profundidade e sabedoria tudo aquilo que as academias e universidades podem comunicar.

De mãos dadas com a gratidão, a fidelidade a quem nos chamou e aos irmãos e irmãs que nos aceitaram. Somente fidelidade? Também humildade profunda, pois todos os resultados nasceram do Amor de muitos. Também paz e tranquilidade, na certeza de que, com a graça do Pai e o Amor de tantos irmãos e irmãs, valeu a pena viver e caminhar no Amor.

À PROCURA DA PAZ

Dom Adriano, bispo diocesano

Entre as bem-aventuranças que Jesus enuncia no chamado "sermão da montanha" (Mt 5,1—7,29; cf. Lc 6,17-49) lemos esta: "Bem-aventurados os que constroem a paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9).

A Paz é uma das grandes utopias da humanidade e de cada pessoa em particular. E a Bíblia Sagrada, em numerosos trechos do Antigo e do Novo Testamento, faz-se eco deste desejo profundo, deste sonho intenso de todos nós. E, parece, quanto mais sangue se derrama, quanto mais vio-

lência se comete, quanto mais conflitos se desencadeiam, tanto mais cresce em nós a esperança da Paz, de uma Paz duradoura e total.

O grande Papa, que foi Paulo VI, sensível aos anseios de Paz do mundo inteiro e da Igreja, introduziu um Dia Mundial da Paz que, desde 1967, vem sendo celebrado em 1º de janeiro de cada ano, com os temas que o momento histórico desperta. João Paulo II continuou com entusiasmo a celebração do Dia Mundial da Paz, como vemos dos documentos e dos assuntos que tem publicado. Basta recordarmos os últimos:

em 1987: "Desenvolvimento e solidariedade: duas chaves para a Paz";

em 1988: "Liberdade religiosa: condição para a convivência pacífica".

Já em 1986, em face do abismo social que se para as nações industrializadas das nações subdesenvolvidas, João Paulo II apresentou o tema: "A Paz é um valor sem fronteiras; Norte-sul, Leste-Oeste: uma só Paz".

Destes e dos documentos anteriores dos dois Papas fala não a Política em primeiro lugar, mas sim a Fé que recebemos de Jesus Cristo através da Igreja. São documentos singulares por suas colocações, por seu ponto de partida e por seu alvo último. São documentos de Fé cristã. Mas de uma Fé cristã encarnada que vai interferir necessariamente nas estruturas políticas do mundo moderno, pela rejeição da violência, das guerras, de todo e qualquer derramamento de sangue. A Paz é uma utopia, certamente, se a considerarmos como Paz consolidada, definitiva, estabelecida, duradoura. Como utopia, no entanto, serve de referência para todo tipo de relacionamento humano e social. Por mais que a maldade dos homens perturbe a Paz, devemos procurá-la com esforço e seriedade. E nossa procura sincera dará resultados, senão totais e definitivos, ao menos como sinal de que a Paz é possível.

A preocupação com a Paz, o desejo de realizar alguma coisa da utopia da Paz é o que levou

nossa diocese a assumir uma campanha diocesana em favor da Paz. A "Campanha contra a Violência", que poderia ser chamada com maior propriedade "Campanha em favor da Paz", quer sistemática e perseverantemente acordar em nossas consciências cristãs a repulsa à violência e a procura da Paz social.

Também na Baixada Fluminense, onde nos colocou a Divina Providência, é possível estabelecer-se o reinado da Paz. Apesar de todas as violências e misérias que acontecem entre nós. Porque nossa Fé nos dá força e coragem, nos faz mais clarividentes e mais atuantes — nos faz ou nos deveria fazer — achamos que nossa campanha produzirá frutos convincentes a médio e a longo prazo.

Tentaremos empregar os diversos meios que estão à nossa disposição, excluindo todos os recursos da violência e da maldade. Será uma campanha de conscientização e de esclarecimento, de solidariedade e de enfrentamento. Não invadiremos a área do Governo ou da polícia. Não temos nem podemos ter força de repressão. Mas como estamos à disposição daquele que é o Príncipe da Paz — Jesus Cristo — (cf. Is 9,6), a quem S. Paulo chama de "nossa Paz" (Ef 2,14), confiamos que podemos dar uma contribuição à construção da Paz em nossa querida Baixada Fluminense.

NOSSA CAMPANHA EM FAVOR DA PAZ

Dom Adriano, bispo diocesano

Lemos nos jornais, ouvimos pelo rádio ou vemos pela televisão como a Polícia Federal, auxiliada pela Polícia Militar e pela Polícia Civil enfrentou os marginais de algumas favelas do Rio, conseguindo prender e/ou matar alguns dos chefes da rede de contrabandistas de drogas. A repressão policial, desenrolada nas favelas, terá resultado duradouro?

A pergunta é justificada, porque um mal social não se extingue de um dia para o outro, mas precisa de um combate intenso, duradouro e continuado.

Sabemos que não é isto o que acontece geralmente. Depois de uma campanha intensa ou mesmo intensíssima, assumida pela pressão dos fatos sociais ou das instituições, a autoridade pública entra aos poucos em recesso. E logo volta o mal social a funcionar novamente a pleno vapor. Isto vale para o contrabando em geral, para o comércio de drogas, para as contravenções mais diversas, para a desordem do trânsito etc. etc. As autoridades, esquecidas do bem comum, deixam os contraventores de todos os tipos agir à vontade, às vezes coniventes com a maldade, às vezes omissas e negligentes.

Sabemos que o combate à violência é um dos mais urgentes desafios de nossa Baixada. Das reportagens dos jornais parece que as autoridades públicas sabem onde estão os marginais, quem são os marginais, que fazem os marginais. Parece que as autoridades públicas sabem que lavra a corrupção nas duas polícias, que na Zona Sul estão os principais consumidores de drogas. Certo, as favelas não têm poder aquisitivo para comprar cocaína e outros produtos semelhantes. Se a favela assume a importação e distribuição de drogas, é porque nas favelas abandonadas não funcionam as estruturas sociais; é porque nas fave-

las abandonadas os consumidores podem adquirir, sem perturbação, as drogas necessárias para o seu vício; é porque nas favelas abandonadas, no caso de uma eventual onda de repressão, são os pequenos intermediários que pagam o pato.

Para um desafio tão complexo não há onda de repressão que dê jeito nem resposta suficiente. Um plano de construção da Paz em nossa Baixada deveria estender-se por muitos anos, ou mesmo por muitos decênios. Daí por que nenhum Governo pode executar o plano de combate sozinho. O plano de combate à droga e a seus filhos legítimos que são a corrupção, a conivência das elites, o medo pânico do Povo tem de ser assumido organicamente pelo sistema de Governo, não por um governante sozinho. Se um Governo começa o plano de combate à droga, à violência, deve ter a garantia de que os sucessores continuarão a obra começada.

A Igreja pode e quer dar uma contribuição válida para a solução do problema da violência em nossa Baixada.

Esta contribuição diz respeito em primeiro lugar à conscientização do Povo para a problemática das drogas e da violência, para as ligações profundas que há entre os marginais de todos os tipos e de todos os níveis sociais. Nenhuma instituição tem como a Igreja o contato direto com os problemas do Povo. Só a Igreja pode animar nos corações desesperados um sentimento de esperança responsável e dinâmica. Os que têm Fé no coração não podem nunca desanimar nem desesperar. Os que têm Fé no coração não se escondem, não se acovardam, não se omitem.

A Campanha contra a Violência que nossa diocese lançou no dia 17 procura conscientizar, esclarecer, denunciar, animar, para que um dia — esperamos que não venha tarde demais — tenhamos Paz em nossa Baixada.

TRADIÇÕES RESTAURADAS

Apesar do que dizem os tradicionalistas, o Vaticano II não modificou em nada as tradições autênticas da Igreja Católica. Pelo contrário, em mais de um aspecto procurou renovar a vida eclesial, recorrendo a antigas praxes da Igreja que foram esquecidas ou deformadas no correr dos tempos.

Exemplos?

A comunhão na mão foi a prática da Igreja primitiva: o fiel recebia na mão esquerda a Hóstia consagrada e respeitosamente com a mão direita a punha na boca. Provavelmente por motivos de ordem prática ou talvez também por "respeito" ao Sacramento foi-se introduzindo o costume de comungar diretamente na boca, até desaparecer completamente o costume mais antigo da comunhão na mão. O Concílio pensou, refletiu e decidiu reintroduzir a praxe mais antiga da Igreja. Teve porém o cuidado de deixar à opção dos fiéis comungar na boca diretamente ou na mão. Outro exemplo é o emprego da língua do país na Liturgia. Jesus Cristo celebrou a última ceia em sua língua natal, o aramaico. E certamente a primeira comunidade cristã de Jerusalém usava sua língua — o aramaico — nas celebrações litúrgicas. Mas na Diáspora onde os judeus não falavam habitualmente o aramaico mas sim a *koiné* — o grego popular —, foi neste grego que as comunidades tanto judaico-cristãs como étnico-cristãs (pagãos convertidos) celebravam a Eucaristia e os demais sacramentos. Em determinado momento cresceu o número de cristãos que falavam não mais o grego mas o latim. Agora foi o latim que assumiu a condição de língua litúrgica. Desde o princípio, portanto, a língua comum do Povo era a língua litúrgica. Assim aconteceu também no Império Romano. Só que agora se fixou mais e mais a tendência de conservar o latim como língua da Liturgia, apesar das mudanças que se foram introduzindo no latim falado nas diversas províncias do Império Romano, o latim que, transformado em muitos aspectos, daria origem às chamadas línguas românicas, línguas do Povo que — agora por uma tradição mal interpretada — não encontraram espaço na Liturgia. Conseqüência: a Liturgia oficial distanciava-se cada vez mais da língua falada e do coração do Povo, torna-se incompreensível e estranha, a ponto de levar a penosas incongruências, como, por exemplo, rezar o terço durante a S. Missa. O Concílio pensou, refletiu e decidiu restaurar a verdadeira Tradição: as línguas vernáculas tornaram-se a língua da Liturgia.

O diaconato, que era um ministério suficiente em si mesmo na Igreja primitiva, tornou-se com o passar dos séculos apenas um degrau de acesso ao sacerdócio. Durante alguns meses o diácono exercia o seu serviço de pregar, de ensinar, de distribuir a comunhão, de assistir aos casamentos como treinamento e preparação para o ministério da sacerdotal. Olhando a Igreja dos primeiros séculos e as necessidades de nosso tempo, o Vaticano II reintroduziu o diaconato permanente, aberto tanto a homens solteiros como a homens casados.

Vários países, como a Alemanha e os Estados Unidos, introduziram imediatamente o diaconato permanente, apesar de disporem de muitos padres. Mostravam assim que o diácono permanente, solteiro ou casado, tem na Igreja uma função própria ligada à função do padre mas não de-

pendente do ministério sacerdotal. No Brasil várias dioceses introduziram o diaconato permanente. Outras, como a diocese de Nova Iguaçu, depois de hesitarem longos anos, decidiram a aceitar este antigo e novo serviço eclesial.

CÚRIA DIOCESANA — AVISOS

Aviso 18/88 — P. Antônio Laranjeira, pároco de Mesquita — Em data de 26 de julho do corrente ano o Conselho Presbiteral elegeu o P. Antônio Laranjeira CSSp para pároco da paróquia de N. Senhora das Graças de Mesquita. O P. Antônio trabalhou durante algum tempo em nossa diocese, na paróquia da SSma. Trindade, em Nilópolis; na paróquia de N. Sra. da Conceição, em Belford Roxo; e como reitor de nosso incipiente Seminário no Matoso. Nos últimos seis anos desempenhou o serviço de formador em sua congregação, em Porto Rico. Voltando à nossa diocese, assume em setembro, logo que voltar da visita à família em Portugal, o paróquial de Mesquita, vago com a viagem do Pe. Marcus para Roma. — Catedral, 26-07-88.

Aviso 19/88 — Mês das Vocações — O mês de agosto é dedicado à Pastoral das Vocações. Por isto em todas as paróquias e comunidades sejam programadas iniciativas que despertem nos fiéis, de modo particular nos jovens, o interesse pelas vocações sacerdotais e religiosas. Sem esquecer naturalmente as vocações para os diversos ministérios confiados aos leigos em nossa diocese. Confiando na palavra de Jesus: "A messe é grande mas os operários são poucos. Peçam ao dono da messe que envie operários para a sua messe" (Mt 9,37-38; Lc 10,2), esperamos que nossas orações, sacrifícios e trabalho vocacional despertem, com a graça do Espírito Santo, muitas vocações de Igreja em nossa diocese. — Catedral, 01-08-88.

Aviso 20/88 — Paulo VI: dez anos de morte (06-08-88) — No dia da Transfiguração do Senhor, 06 de agosto de 1978, falecia o Santo Padre Paulo VI, precisamente no dia em que era inaugurada a capela do nosso Centro de Formação. Coube a Paulo VI participar do primeiro período conciliar (1962) e depois da morte de João XXIII (03-06-63), continuar a levar a cabo, com mão enérgica e suave, os trabalhos conciliares. Depois de encerrado o Vaticano II (1965) Paulo VI assumiu a implantação das decisões conciliares para toda a Igreja universal. Com prudência e firmeza soube enfrentar dificuldades internas e externas para a aplicação do Concílio. Merece menção especial a renovação litúrgica que aos poucos foi-se afirmando em todos os setores da Liturgia e também o esforço em favor do Ecumenismo. Na sua humildade Paulo VI não pôde ser bem compreendido no seu tempo. Mas a história do pós-Concílio vai descobrindo sempre melhor a importância do Papa Montini para a renovação da Pastoral em face do mundo moderno. Sentimo-nos felizes em saber que o Seminário Diocesano tem o nome de Paulo VI em homenagem ao grande, sábio e humilde Paulo VI. — Catedral, 01-08-88.

Aviso 21/88 — Retiro anual do clero — De 08 a 12 de agosto nosso presbitério fará o retiro anual, como tem sido sempre costume. O retiro será feito no Seminário da Floresta, dos PP. Redentoristas, em Juiz de Fora. Pregador Dom Waldir, bispo de Volta Redonda. Convidamos

todos os padres a fazerem em comum o retiro anual, como meio também de aproximação familiar entre todos nós. — Catedral, 01-08-88.

Aviso 22/88 — Nosso primeiro diácono permanente — No dia 20 de agosto próximo será ordenado nosso primeiro diácono permanente: Jorge Luiz Soares de Lima. Jorge Luiz nasceu em Mesquita, em 12-04-54. Estudou no seminário franciscano até a Teologia. Deixou o seminário, casou-se com Dorat e é Pai de quatro filhos. Faz alguns anos trabalha na Cúria Diocesana, dá cursos de Liturgia nas comunidades e cuida da parte litúrgica de A Folha. Sentindo nascer a vocação para o diaconato, pediu ao Conselho Presbiterial que o aceitasse na condição de diácono. Será ordenado pelo bispo diocesano no sábado 20 de agosto, às 17 h, na Catedral. — Catedral, 01-08-88.

Aviso 23/88 — Dia do Catequista (28-08-88) — Por determinação da 20ª Assembléia Geral da CNBB (1982) celebra-se no último domingo de agosto, este ano dia 28, o Dia Nacional do Catequista. Em todas as Missas inclua-se o catequista na Oração dos Fiéis. Sendo possível, a pregação trate da formação religiosa das crianças e dos catequistas que se dedicam à formação das novas gerações. Seria bom mencionar a nossa Escola de Fé como lugar de preparação dos futuros catequistas e professores de Religião. A Comissão Diocesana de Catequese organizou uma Concentração Diocesana de Catequese que se reunirá no Seminário Diocesano Paulo VI a partir das 15 horas. Todos os catequistas estão convidados a participarem da Concentração. — Catedral, 10-08-88.

Aviso 24/88 — Viagem do P. Edemilson e do P. Marcus — No dia 1º de setembro viajam para Roma o Pe. Edemilson, até agora pároco da Prata, e o P. Marcus, pároco de Mesquita. Vão estudar Moral e Dogmática durante dois a três anos para ensinarem no Seminário Diocesano. Nós os acompanhamos com nossas orações e pedimos a Deus abençoe nossas famílias e nossas escolas, para que sejam, com nossas orações, e sacrifícios, com o interesse dos pais e dos professores, lugares de cultivo das vocações. — Catedral, 10-08-88.

Aviso 25/88 — Festa do Seminário — De 03 a 04 de setembro realiza-se a Festa do Seminário. Oportunamente será distribuída a programação. A festa quer atrair o interesse de todas as comunidades pela casa de formação de nossos futuros padres. O Seminário não é do bispo e dos padres, é de

toda a Igreja diocesana. Todas as comunidades são convidadas a participar da festa com qualquer iniciativa. Financeiramente a festa quer ajudar a manter o seminário.

Aviso 26/88 — Escola de Fé: abertura dos cursos — A Escola de Fé que, antecipando a decisão do Sínodo, foi fundada para a formação de nossos agentes de Pastoral, de modo particular dos que se encarregam do ensino religioso, começará seus cursos no mês de setembro. No dia 10-09-88 será o início do curso de fim de semana; no dia 13 o início do curso da tarde. Os cursos serão dados no Centro de Formação, em Moquetá. Tem sido grande o interesse dos agentes de Pastoral, de sorte que pomos muitas esperanças na Escola de Fé confiada à capacidade e à generosidade do Pe. Pedro Geurts CICM e de sua equipe. — Catedral, 20-08-88.

Aviso 27/88 — Semana Teológica de 1988 — De 23 a 25 de setembro nosso Seminário Diocesano oferece um curso aos interessados, aos amigos de Paulo VI, uma Semana Teológica, como tem acontecido nos últimos anos. O tema será: "O pensamento de Paulo VI". As inscrições estão abertas no próprio Seminário. — Catedral, 20-08-88.

Aviso 28/88 — Dia da Bíblia — No último domingo de setembro, este ano dia 25, celebra-se em todo o Brasil o Dia da Bíblia. Neste dia procuramos despertar todos os católicos para a leitura e o conhecimento dos Livros Sagrados. Por isto em todas as Santas Missas convém lembrar aos fiéis a importância da Bíblia para a nossa Fé e para a Igreja, e recomendar que todas as famílias procurem ter em casa os Livros Santos, principalmente os Livros do Novo Testamento. Onde for possível, faça-se uma celebração mais solene do Dia da Bíblia. — Catedral, 20-08-88.

Aviso 29/88 — Sessão conjunta do Conselho Presbiterial e do Conselho Pastoral — os dois Conselhos decidiram fazer mensalmente uma reunião conjunta, para tratar de assuntos pastorais comuns. Será uma experiência nova em nossa diocese. Confiamos que produza frutos de unidade e de aprofundamento pastoral para o bem de nossas comunidades e de todo o esforço de nossa Igreja de Nova Iguaçu. A sessão conjunta será na terça-feira dia 27 de setembro. — Catedral, 20-08-88.

Encerramento deste número: 23-08-88. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (ou: Cx. Postal 77285), 26000 Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO PASTORAL
AGOSTO DE 1988

02 r(09h00) Mensal da Pastoral, CENFOR
(15h00) CDioc. de Vocações, CEPAL
04 r(19h00) CDioc. de Catequese, Cat.
05 r(15h00) Eq. Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL
06 r(07h30) CDioc. de Past. da Família, Cat.
(08h00) Eq. Dioc. de Crisma, CEPAL
(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
(15h00) CDioc. de Pastoral da Juventude, CEPAL
(15h00) CDioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL
06/07 Retiro para coord. de comunidades, RPast. 5, 6 e 7, COR
07 r(14h30) RPast. 3
08/12 Retiro anual do Clero, Juiz de Fora
09 r(19h30) RPast. 4, Cat.
10 (08h00) Dia de oração para leigos, COR.

12 r(19h30) RPast. 1, Cat.
12/14 Retiro para coord. de grupos jovens nas paróquias, COR.
13 r(09h00) Eq. Dioc. de Comunicações, CEPAL
16 r(09h00) Mensal do Clero, COR.
(20h00) RPast. 2
17 Dia de oração para Vovós, COR.
18 r(09h00) Cons. Pastoral, CEPAL
19 r(19h30) RPast. 7
20 r(08h00) CDioc. de Liturgia, CEPAL
(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
Romaria da Terra
21
23 r(09h00) Cons. Presb., CEPAL
(19h30) RPast. 6
25 Retiro para mulheres ("Bíblia e Mulher"), COR.
26 r(19h30) RPast. 5
26/29 Retiro para universitários, COR.
28 (14h00) Dia do Catequista

CALENDÁRIO SOCIAL
AGOSTO DE 1988

- | | |
|---|--|
| <p>01 n(1940) Augusta Ferreira da Silva MJCr, BSJoão</p> <p>02 v(1938) M. Benvenuta Huber FB, IESA
n(1944) João Anthony Doyle CSSp. pBLuz</p> <p>03 n(1950) Robert Dixon CICM
n(1951) Brian (Bernardo) Troy CSSp, cCab-Marap.
n(1951) José Adilson Pontes MSC, form. MSC
v(1957) Angela Stockner SCR., T</p> <p>04 o(1959) Pedro Geurts CICM, coop., coord. do Sínodo
(1963) Paulo Muller CICM, coop.</p> <p>05 n(1948) Maria das Neves do Rosário OScl, PFL.
v(1954) Maria Adelina Maciel da Costa MSSp. MCouto</p> <p>06 o(1961) Fernando Vandenabeele CICM, pSEug.</p> <p>07 n(1911) Olga Raposa Bandeira FC, Viga
(1961) Generosa de Oliveira Silva</p> | <p>08 n(1941) Maria de Fátima Tarroco MJCr, RSobr.</p> <p>11 o(1985) Clínio José Drago, pP
(1985) Edemilson da Silva Figueiredo pPr.
(1985) Marcus Barbosa Guimarães pM
(1985) Porfírio Fernandes de Abreu cCat.</p> <p>14 n(1929) Susan Didomicantonio ICM, Prov.
(1940) Yeda Maria Dalcin FB, IESA</p> <p>15 v(1962) Palmira Lobo da Silva MJCr, SJoão</p> <p>16 v(1948) Ildefonsa Elias de Azevedo FSA, L
m(1968) <i>Dom José Gonçalves Coimbra</i></p> <p>19 s(1962) <i>Dom José Gonçalves da Costa CSSR, Niterói</i></p> <p>20 m(1973) <i>Antônio Município José, NI (IESA)</i></p> <p>21 n(1921) José Fernandes Coujil, pQ-Fátima
v(1926) Imelda Dieterich FB, IESA
n(1930) Nino Miralda pCal.
o(1976) João Demyttenaere CICM, cA</p> <p>22 v(1967) Maria do Carmo Barros Gonçalves MSSp., MCouto</p> <p>23 n(1938) Maria Albina Santi FB, IESA
(1943) Terêsió Rinaldi CEIAL, pPiam</p> <p>25 v(1960) Paulina Elsener SCR., SRita
Francisca Stalder SCR, SRita</p> |
|---|--|

CALENDÁRIO PASTORAL
SETEMBRO DE 1988

- | | |
|--|---|
| <p>01 r(19h00) CDioc. de Catequese, Cat.</p> <p>02 r(15h00) Eq. Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL</p> <p>03 r(07h30) CDioc. da Família, Cat.
r(08h00) Eq. Dioc. de Crisma, CEPAL
r(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR
r(15h00) CDioc. de Juventude, CEPAL
r(15h00) CDioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL</p> <p>03/04 <i>Festa do Seminário</i></p> <p>04 r(14h30) RPast. 3
Retiro p. Test. Qualif. do Casamento, COr.</p> | <p>06 r(09h00) Mensal de Pastoral, CENFOR
r(15h00) CDioc. de Vocações, CEPAL</p> <p>09 r(19h30) RPast. 1, Cat.</p> <p>10 r(09h00) Eq. Dioc. de Comunicação, CEPAL</p> <p>11 r(08h00) de Canto na Liturgia, CENFOR</p> <p>13 r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
r(19h30) RPast. 4
r(19h30) RPast. 7</p> <p>17 r(08h00) CDioc. de Liturgia, CEPAL
r(09h00) CDioc. de Justiça e Paz, CENFOR</p> <p>20 r(09h00) Mensal do Clero, COr.
r(20h00) RPast. 2</p> <p>23 r(19h30) RPast. 5</p> <p>27 r(09h00) Cons. Presb. + Cons. Past., CEPAL
r(19h30) RPast. 6</p> |
|--|---|

CALENDÁRIO SOCIAL
SETEMBRO DE 1988

- | | |
|---|--|
| <p>02 n(1915) Eugênia Cotta FC, Viga</p> <p>03 o(1910) Humberto van der Torgt MSC, pSag.</p> <p>06 n(1945) Valdir Oliveira, pRSobr.</p> <p>08 v(1970) Roberto Dixon CICM</p> <p>09 o(1967) Germano Vernooij MSC, pBR-Con.</p> <p>12 v(1971) Nives Chialva IJC, rVCava
o(1954) <i>Renato Stormacq CICM, pA/coord. de Past.</i></p> <p>15 m(1969) Dr. Friedrich Wilhelm Doepner eng., Rio</p> <p>17 n(1928) Maria Pascoalina NSV, H</p> <p>19 n(1932) Guilherme Steenhouwer SSCC, pPFL.</p> | <p>20 n(1940) Lino dal Moro PSSC, pSMar.</p> <p>21 n(1961) Marcus Barbosa Guimarães, Roma
o(1929) Mons. Arthur Hartmann pO-Seb.</p> <p>22 n(1921) Maurício Vian pJap.</p> <p>23 n(1954) <i>Nauro Negretti Garcia OFM, vice-coord. Past./cN-Ap</i></p> <p>24 m(1980) Florêncio de Bok SSCC, Rio</p> <p>25 n(1944) Maria Fernanda de S. Francisco OSCI, pFl.</p> <p>26 n(1930) Maria Adelina Maciel da Costa MSSp. MCouto</p> <p>27 n(1924) Laurindo Marques CSSp., pQ-SFr.
o(1959) José Fernandes de Sá CSSp, pQ-Con.</p> <p>30 n(1949) Nives Chialva IJC, rVCava</p> |
|---|--|